

AS INTERAÇÕES HOMEM/XENARTHRA: TAMANDUÁS, PREGUIÇAS E TATUS NO FOLCLORE AMERÍNDIO

HUMAN/XENARTHRA INTERACTIONS: ANTEATERS, SLOTHS, AND ARMADILLOS IN THE AMERINDIAN FOLKLORE

Eraldo Medeiros Costa-Neto¹

Resumo

Este artigo trata de uma compilação de dados etnozoológicos sobre mamíferos da ordem Xenarthra, visando compreender a série complexa de relações que as populações humanas mantêm com tamanduás, preguiças e tatus. Esses animais desempenham papéis importantes na dieta, folclore, língua, medicina, religião, recreação, economia e cosmologia de diferentes povos ameríndios. No entanto, a crescente pressão de caça e as alterações ambientais causadas pela ação humana representam uma séria ameaça à sobrevivência das espécies. Uma nova relação homem/xenarthros baseada no respeito por esses animais necessita ser construída a fim de que as espécies possam continuar a existir.

Palavras chave: Xenarthra, etnomastozoologia, etnozologia, tamanduá, preguiça, tatu.

Abstract

This paper is a compilation of ethnozological data on mammals of the order Xenarthra that aims to understand the complex series of relations that human population do with anteaters, sloths, and armadillos. These animals have been playing important roles in the diet, folklore, language, medicine, religion, recreation, economy, and cosmology of different Amerindian peoples. Notwithstanding, both the growing hunting pressures and the environmental changes caused by human action represent a serious threat to their survival. A new relationship between men and xenarthrans based on respect by these animals needs to be built in order to let species go on.

Key words: Xenarthra, folk mammology, ethnozology, anteater, sloth, armadillo.

INTRODUÇÃO

Os mamíferos pertencentes à ordem filogenética Xenarthra² (= juntas estreitas) compreende os tamanduás, os tatus e as preguiças. São animais que, apesar de um parentesco próximo, apresentam uma grande especialização para diferentes modos de vida, o que dificulta a diagnose do grupo (Redford e Eisenberg, 1992). Dentre as características que os une, incluem-se: a. Dentes simples semelhantes a pinos (quando presentes); b. Ausência de dentes de leite, bem como de

incisivos, caninos e pré-molares verdadeiros; c. Superfícies articulares extras entre as vértebras e outras singularidades do esqueleto, como ossos longos compactos (sem cavidade medular); e d. Caracteres do aparelho reprodutor e do sistema circulatório, os quais são únicos entre os mamíferos (Emmons e Feer, 1990). Alho (1993) diz ainda que uma das características que unifica o grupo é a habilidade de se pôr em posição ereta, baseada num tripé das duas pernas traseiras mais

Recibido: noviembre de 1999; aprobado para publicación: abril de 2000.

¹ Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, BR 116 Campus Universitário, CEP 44031-460 Feira de Santana, Bahia Brasil; E-mail: eraldont@uefs.br

² Os Xenarthra anteriormente eram classificados como Edentata. No entanto, este termo deve ser considerado como sinônimo de Pholidota (Glass in Nowak, 1991).

o auxílio da cauda, sendo esta uma posição de defesa, de observação ou de alimentação. Aspectos morfo-anatômicos e fisiológicos podem ser encontrados com mais detalhes em Nowak (1991).

Os remanescentes vivos distribuem-se em quatro famílias, 13 gêneros e 30 espécies (apêndice 1). Eobora não constituam hoje uma fauna muito abundante, os Xenarthra são criaturas interessantes, sobretudo por serem os últimos descendentes de um grupo muito primitivo de mamíferos que teve sua origem e desenvolvimento na América do Sul. Desconhece-se, porém, a origem da ordem e, conseqüentemente, a de seus ancestrais (Cartelle, 2000). Sua época de maior sucesso evolutivo ocorreu durante a era Terciária, no continente americano. Representantes dessa fauna, como o megatério, o milodonte e o gliptodonte, atingiram dimensões gigantescas e foram todos contemporâneos do homem primitivo. Este talvez tenha contribuído para sua extinção (Gilmore, 1986). Parte dos xenartros que hoje vivem adquiriu hábitos alimentares muito específicos. Os mirmecófagos, como os tamanduás, são ecologicamente importantes porque desempenham papel decisivo no controle populacional de insetos sociais (Alho, 1993). Indivíduos podem consumir mais de 30.000 formigas por dia!

Etnozologicamente, tamanduás, preguiças e tatu têm tido uma longa história de inter-relações com os povos americanos, desempenhando papéis importantes na dieta, folclore, medicina, língua, religião, recreação, economia e cosmologia de diferentes culturas ameríndias, tanto presentes quanto passadas (Setz, 1991; Sánchez e Romero, 1994; Gilmore, 1986; Martínez, 1995; Silva, 1993). Com frequência, esses animais aparecem na literatura em contos infanto-juvenis (Lobato, 1950; Queiroz, 1967; Sallut, 1991; Machado, 1993; França, 1995). Aparecem também em poesias, figuras de linguagem, adágios e estórias (apêndice 2).

Mais recentemente, a constante pressão de caça para fins diversos, aliada às alterações causadas pela ação humana no ambiente (queimadas, des-

matamentos), representam uma séria ameaça à sobrevivência das espécies, havendo mesmo aquelas, como *Priodontes maximus*, *Bradypus torquatus*, *Myrmecophaga tridactyla* e *Tolypeutis tricinctus*, que já se encontram em risco de extinção (Fonseca *et al.*, 1994).

O objetivo desse trabalho é apresentar informações etnozoológicas compiladas sobre os Xenarthra, visando compreender a série complexa de relações que as populações humanas mantêm com esses animais. Espera-se que uma nova relação homem/Xenarthra, baseada no respeito por esses animais, seja estabelecida a fim de que as espécies possam continuar a existir.

METODOLOGIA

Os dados relacionados à interação homem/xenartros foram obtidos através da compilação de trabalhos publicados em periódicos, livros, dissertações, teses e resumos de anais de congressos. Publicações disponíveis na Rede Mundial de Computadores relativas ao tema também foram consultadas.

A etnozologia dos animais será abordada segundo o grupo a que pertencem, visando uma melhor observação das diversas interações que as comunidades humanas mantêm com os representantes da ordem. Primeiramente, um breve comentário sobre aspectos da biologia e ecologia de cada grupo será fornecido. Segue-se a compilação das informações etnozoológicas. Finalmente, questões relativas ao estado da conservação desses animais serão brevemente discutidas.

As preguiças

As preguiças, divididas em dois gêneros e cinco espécies, habitam as regiões centrais e setentrionais da América Meridional. Possuem hábito alimentar herbívoro, sobrevivendo quase exclusivamente de folhas e brotos e, em determinados casos, de uma espécie vegetal em particular (*Cecropia* sp.). São animais diurnos e heliófilos e estão tão adaptados à vida nas árvores que quase não conseguem mover-se no solo (Santos,

1984). Contrariamente, movem-se com agilidade na água. Não obstante sua dentadura anômala, Gilmore (1986) adverte: "As preguiças (...) podem causar uma mordida dolorosa". Devido ao fato de possuírem uma vértebra a mais no pescoço, as preguiças podem girar a cabeça em até 270°. O silêncio, a imobilidade e a coloração de seu pêlo as tornam extremamente difíceis de serem vistas do solo. Na natureza, águias, cobras e onças são seus inimigos naturais (Emmons e Feer, 1990). Seu baixo nível de atividade e os movimentos vagarosos devem ser entendidos como adaptações bem sucedidas, resultantes de pressões seletivas sofridas ao longo de milhões de anos de evolução (Chiarello, 1999).

Os portugueses deram-lhe o nome de preguiça devido ao modo como é lenta em realizar movimentos corporais, comportamento este posto em versos pelo poeta Santa Rita Durão (*in* Santos, 1984):

Entre outros bichos de que o bosque abunda,
Vê-se o espelho de gente, que é remisso,
No animal torpe de figura imunda,
A que o nome pusemos da preguiça:
Mostra no aspecto a lentidão profunda,
E, quanto mais se bate e mais se atia
Conserva o tardo impulso por tal modo,
Que em poucos passos mete um dia todo.

Os movimentos de uma preguiça, lentos e harmoniosos, podem ser comparados ao de chinês praticando *tai chi chuan* (Tarrío, 1995). Por essa razão, registram-se as seguintes expressões relacionadas ao termo preguiça: "bicho de embaúba", "pai da preguiça" e "sofrer de preguiça recolhida", as quais se referem à qualidade de quem é preguiçoso ao extremo. "Chuva de preguiça" é outra figura de linguagem que se refere ao nome que a população da região norte do Brasil dá à chuva fina ou garoa (Mota, 1978; Nomura, 1996). Dentre os adágios, Nomura (*op. cit.*) registrou: "Preguiça morre de sede dentro d'água" e "Preguiça chegou ali, fez casa de morada".

O macho da espécie *Bradypus tridactylus* possui uma mancha escura de matiz preta-amarronzada, com cerca de 10 cm de extensão, localizada

na região dorsal. As pessoas vêem nessa mancha um tipo de escapulário, daí denominarem essa espécie de preguiça-de-bentinho (Santos, 1984). Alguns povos indígenas, no entanto, têm-na como criatura amaldiçoada (Nomura, *ibid.*). Na etnocriptozoologia da região amazônica, inclusive, existe uma criatura mítica que provoca terror entre a população nativa. Trata-se do mapinguari, o qual, segundo o zoólogo estadunidense David Conway Oren, provavelmente sejam descendentes vivos de preguiças-gigantes (Giudice, 1995). Segundo a lenda, o mapinguari "é um terrível inimigo do homem, a quem devora. Mas devora somente a cabeça" (Cascudo, 1972).

Em diversas culturas indígenas das Américas do Sul e Central, as preguiças são utilizadas como recurso alimentar. No entanto, elas raramente são encontradas a altura suficientemente baixa ou concentradas em quantidade abundante para tornarem-se uma fonte segura de alimento (Gilmore, 1986). Segundo Ewbank (*in* Nomura, *op. cit.*), "a carne da preguiça é adocicada, e para pessoas que não estão habituadas, enjoativa". Os portugueses atribuíam propriedades soníferas à carne desse animal (Freyreiss *in* Nomura, *ibid.*). Mais comumente, os indivíduos são caçados e vendidos como animais de estimação nas feiras livres dos grandes centros urbanos.

As preguiças são capazes de sobreviverem aos mais severos danos: feridas profundas raramente infeccionam e saram completamente dentro de semanas. Por essa razão, as espécies que habitam a floresta tropical estão sendo reconhecidas por seu potencial para a medicina humana devido à sua habilidade em curarem-se rapidamente e evitar infecção (Jansa, 1996). Entender a base dessa resposta curativa pode um dia ajudar no tratamento de feridas graves.

Enquanto isso, elas são utilizadas como recursos zooterapêuticos nas medicinas populares de diferentes povos. Figueiredo (1994), por exemplo, observa que a cabeça de *Bradypus* sp. torrada e reduzida a pó, bem como a raspa das garras em infusão de cachaça ou vinho, são usadas pelas

populações rurais e urbanas da Amazônia brasileira contra a asma. Ainda na região norte do Brasil, a banha de *B. tridactyla* é aquecida para extração de um óleo, o qual é passado sobre o local picado por insetos e escorpiões (Branch e Silva, 1983). Essas autoras registraram que o mesmo medicamento é prescrito em casos de excreções vaginais para as mulheres da cidade de Alter do Chão, estado do Pará. Na medicina popular de comunidades de *folk* do estado de Alagoas, a banha é utilizada na cura de processos reumáticos e dores em geral (Silva e Marques, 1996). Marques (1995) registrou, entre pescadores artesanais do sul de Alagoas, o uso de defumador feito com o couro e/ou as garras de pelo menos duas espécies de preguiças (*B. variegatus* e *Bradypus* sp.) como remédio para o tratamento da asma e do "mal do tempo" (derrame?). No estado da Bahia, Costa Neto (1998) também encontrou o uso do defumador feito com o couro por pescadores artesanais do município de Conde para o tratamento de derrames.

Informações recentes sobre o estado de conservação indicam que as espécies de preguiças podem estar correndo sério risco de extinção, resultado do processo acelerado de segmentação e descaracterização do seu hábitat natural, que as tornaram muito mais expostas à captura e aos caçadores. Isso é o que está ocorrendo com a preguiça-de-coleira (*B. torquatus*), uma espécie endêmica da Mata Atlântica do sul da Bahia (Fonseca *et al.*, 1994; Oliveira, 1996). Nessa região, a espécie é caçada como fonte de alimento, animal de estimação e para fins medicinais. Embora a preguiça-de-coleira seja encontrada em uma área relativamente grande entre o sul da Bahia e o norte do Rio de Janeiro, as populações restantes, em sua maioria, vivem isoladas umas das outras e são compostas por poucos indivíduos, o que torna muito delicada a sobrevivência da espécie a longo prazo (Chiarello, 1999).

Os tamanduás

Os tamanduás são os únicos representantes da ordem totalmente desdentados. Distribuídos em

três gêneros e quatro espécies, os tamanduás habitam as florestas tropicais e encontram-se espalhados desde o México meridional até o Paraguai. Suas características morfo-estruturais ligam-se à habilidade que têm em capturar insetos, cavar e trepar em árvores (as espécies arbóreas têm caudas preênsais). Possuem focinhos compridos e olhos e ouvidos muito pequenos. A língua é longa, móvel e vermiforme, com excepcional capacidade de serem protraídas. Por sua vez, ela é recoberta por uma secreção viscosa e pegajosa produzida por glândulas salivares hipertrofiadas. As patas dianteiras são em geral mais fortes, com grandes unhas em forma de foice utilizadas para abrir cupinzeiros resistentes e também para se defender dos ataques dos grandes carnívoros (Emmons e Feer, 1990).

Os tamanduás participam da vida cultural de muitos povos americanos. No Brasil, o termo **tamanduá** está ligado às seguintes expressões: "abraço de tamanduá", que diz respeito à cortesia de gente falsa; e "língua de tamanduá", que significa que vai no fundo e volta cheia (Mota, 1978; Nomura, 1996). No dicionário, registram-se: 1. No Rio Grande do Sul, tamanduá refere-se à pessoa sovina; 2. Problema de ordem moral, de difícil solução; 3. Grande trapalhada; e 4. Grande mentira. Com relação aos adágios, têm-se: "Na cacunda do tamanduá tatu agüenta sol" e "Alegria de tamanduá é buraco de formigueiro em função" (Nomura, *op. cit.*). Na lexicografia dos índios Kayapó da Aldeia Gorotire, estado do Pará, o nome tamanduá é polissêmico e refere-se tanto ao animal em si quanto ao vitiligo, o qual é denominado de "doença de tamanduá" (Posey e Elisabethsky, 1991). Tal crença baseia-se na semelhança entre o surgimento de manchas brancas no indivíduo, que é um sintoma marcante da moléstia, com a coloração do animal. Do mesmo modo, aqueles índios que sofrem de coceira e tontura estão com a "doença do tatu-peba".

No Brasil, Fernandes-Pinto *et al.* (1998) registraram o uso da banha e das unhas do tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*) para o tratamento do reumatismo, dores em geral e picada de cobra

por comunidades tradicionais que vivem na Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba, estado do Paraná. Segundo informações obtidas junto a caçadores da cidade de Lençóis, no Parque Nacional Chapada Diamantina (Bahia), essa espécie costuma ser utilizada como recurso da medicina etnoveterinária, sendo prescrito o uso tóxico de seu couro para o tratamento de verrugas de animais domésticos (Costa Neto, 1996).

Outras partes utilizáveis do tamanduá-mirim incluem: o couro, o qual costumava ser usado como reio da roda de casa de farinha por ser "muito resistente" (Costa Neto, 1996), e os tendões de sua cauda para fazer cordas (Emmons e Feer, 1990). As mulheres indígenas fazem breves com a pele para tornar os homens tão macios quanto o seu pêlo (Nomura, 1996). Por outro lado, os índios Quichua, do Peru, consomem sua carne (Martínez, 1995).

Sobre as propriedades mágicas do tamanduá (*Cyclopes didactylus*), vale a pena citar Stradelli (in Cascudo, 1972):

As unhas assopradas e preparadas com carajuru da lua por pajé são consideradas potentíssimos amuletos, e é uma unha de tamanduá que Jurupari dá a Cárida, quando partem em perseguição dos velhos traidores do segredo, e é pondo-a no nariz que ele é transportado para onde quer, e se transforma no que mais lhe convém. Ainda hoje, tanto no Pará como no Amazonas, a unha da mão esquerda do tamanduá, seca e preparada, vale muito bom dinheiro, e é procurada pelos jogadores, como capaz de lhes trazer a sorte.

No que se refere ao uso etnomedicinal do tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), uma senhora residente próximo à cidade de Feira de Santana, estado da Bahia, afirmou-me ter curado seu marido, que sofria de "noriza cerebral" (¿derrame?), com a infusão preparada com as garras do animal. No distrito de Tanquinho, na zona semi-árida da Bahia, obtém-se a cura do derrame utilizando um zooterápico diferente: o defumador do couro (Costa Neto e Oliveira, 2000). Cos-

ta Neto (1999a) registrou o uso da banha e do couro dessa espécie para o tratamento de processos de aleijão³ pelos índios Pankararé do nordeste da Bahia. Os índios Cofano, do Equador, preparam um chá com as raspas das unhas desse tamanduá e dão às crianças para que cresçam fortes (Martínez, 1995).

Baldus (citado por Nomura, 1996) escreveu que os sertanejos da Chapada de Mato Grosso usam a carne do tamanduá-bandeira como afrodisíaco. Entre os índios Suruf que habitam na área administrativa do Parque Aripuanã, o tamanduá-bandeira é consumido apenas pelos anciãos. As mulheres que se encontram em reclusão (menstruadas ou que pariram recentemente) não se alimentam de carnes (Coimbra Júnior, 1985). Tal interdição já fora observada por Frei Vicente do Salvador, em 1627: "A carne deste animal comem os índios velhos, e não os mancebos, por suas superstições e agouros" (in Nomura, 1996). Entre os índios Tereno, a mulher grávida e seu marido abstêm-se de comer carne de tamanduá, "porque senão o filho morre no ventre da mãe e não sai" (Baldus in Nomura, 1996). Entre os Achuarã, assim como em muitos outros grupos Jívaro que vivem no Peru e no Equador, tamanduás e preguiças são categorizados como "não-comestíveis" por uma série de razões místicas (Ross, 1978). As preguiças, por exemplo, são consideradas espíritos humanos reencarnados (*wakani*). Já os Pankararé da Aldeia Brejo do Burgo afirmam que o consumo da carne de tamanduá provoca dor de cabeça (Costa Neto, 1999a). Tais tabus são interpretados como mecanismos culturais que regulam a ação do homem sobre as populações animais (Coimbra Júnior, 1985).

Dentre as espécies de tamanduás, *M. tridactyla* é a única que está citada no CITES como vulnerável. O declínio de populações de tamanduás-bandeira deve-se à ocupação de extensas áreas do Brasil Central com atividades agropecuárias (Fonseca *et al.*, 1994). Ihering (1939: 235) já di-

³ Aleijão significa lesão, mutilação.

zia: "Não tardará o dia em que apenas nos jardins zoológicos se poderá admirar esse tipo curioso, genuíno representante da fauna autóctone da América do Sul". O fogo é também uma séria ameaça para esses animais, uma vez que seu pêlo é altamente inflamável.

Os tatus

A família Dasypodidae conseguiu o maior sucesso evolutivo desde o Pleistoceno, atualmente existindo nove gêneros e 21 espécies distribuídas desde o sul dos Estados Unidos até a América do Sul. A marca registrada dos tatus é sua carapaça, formada por placas (osteodermos) articuladas que lhes reveste o corpo, a cabeça, a cauda e as extremidades. Com relação à dentadura desses animais, chama atenção o fato de o tatu-canastra (*Priodontes maximus*) ter mais de 100 dentes, mas estes são pequenos e vestigiais (Nowak, 1991).

Linguisticamente, o termo **tatu** relaciona-se com as seguintes expressões: "cara de tatu", que se refere ao rosto comprida, de queixo fino; e "levar um tatu", que significa cair. Tatu também pode designar trabalhador rural. No plural, diz-se dos irmãos que não têm irmã ou das irmãs que não têm irmão. Os adágios referentes ao termo tatu são: "meter a mão em buraco de tatu"; "tatu velho não esquece o buraco"; "quem confia em tatu só encontra buraco"; "onde está o tatu está o casco"; "quem nasceu para tatu morre cavando"; "dois tatus machos não moram no mesmo buraco"; e "cachorro bom de tatu morre de cobra" (Mota, 1978; Nomura, 1996).

No folclore brasileiro, tatu é nome de uma dança de fandango⁴ dos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul (Casculo, 1972). No estado de Goiás, tatu denomina uma dança de roda em que, no centro, o dançarino cantador narra uma caçada de tatu, e a cada verso seu a roda responde ao coro: "Redondo, sinhá" (Ferreira, 1986).

Em seu sistema de classificação etnozoológica, os índios Pankararé que habitam a região nordeste do estado da Bahia incluem todas as etnoespécies de tatus que lá ocorrem e o cágado (*Geochelone* cf. *carbonaria*) na etnofamília ou "linha" do tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*), pois reconhecem que esses animais são "bichos de casco que estão no mesmo ritmo do peba" (Costa Neto, 1997). Esses índios utilizam-se dos cascos de tatus para confecção de pequenas contas, as quais são usadas em colares e pulseiras.

Na medicina popular, os Pankararé utilizam recursos zoterápicos de pelo menos três etnoespécies: tatu-bola (*Tolypeutis tricinctus*), cujo defumador do casco é recomendado para o tratamento de "mal do tempo" (derrame). Também do casco torrado, preparam um chá receitado em casos de reumatismo e dor de barriga; tatu-peba (*E. sexcinctus*), cujos banha, ossos e sangue servem para o tratamento de ferimentos e "aleijão"; e tatu-verdadeiro (*Dasypus novemcinctus*), cujo defumador do casco é prescrito para fazer um defumador contra asma, e o rabo é utilizado como cotonete para dores de ouvido e surdez (Costa Neto, 1999). No México, o penúltimo osso da cauda de *D. novemcinctus mexicanus*, moído e misturado ao azeite, também é recomendado para tratar casos de surdez (Barajas, 1961). Esse autor também registra o chá feito com o pó do coração dessa espécie, o qual é recomendado para tratar tosferina⁵. Marques (1995) registrou a explicação popular de que "o rabo é colocado no ouvido para ouvir melhor e para passar a dor". Esse autor também encontrou usos para a banha, que é empregada em casos de reumatismo e dores em geral por moradores do povoado de Marituba do Peixe, na região sul do estado de Alagoas.

Na região amazônica, Figueiredo (1994) registrou o uso da urina de tatu (*D. novemcinctus*), pingando-se gotas no canal auditivo para aliviar

⁴ Fandango: dança popular a três tempos e sapateada, de uso na Espanha, Portugal e Brasil.

⁵ Tosferina é uma enfermidade aguda, muito contagiosa, provocada pela bactéria *Bordetella pertussis* e que afeta especialmente crianças menores de cinco anos de idade

dores de ouvido. Um outro recurso utilizado é o rabo, que seco e umedecido na banha da sucuriju (*Eunectes murinus*), é introduzido no ouvido também para tratar dores de ouvido. Sua banha ainda é usada contra inchaço e tumores. O óleo, removido da banha de tatus, é prescrito para passar no local da picada de insetos e escorpião. O óleo é também usado em casos de espinhas, furúnculos e farpas (Branch e Silva, 1983).

Segundo Lages Filho (1934), o uso tópico da cauda de tatus no ouvido para surdez e mouquidão é muito comum no estado de Alagoas. Esse autor também registra a cauda torrada e triturada para a elaboração de um xarope, o qual é usado contra tosse. Na cidade de Sete Lagoas, estado de Minas Gerais, "para que uma pessoa tenha pele acetinada e bonita, ficará sempre assim a criança que tomar um banho com sangue de tatu (*Dasypus*), pelo menos uma vez na vida" (Teixeira citado por Nomura, 1996). Em Alagoas, banhar-se com sangue de tatu cura sarna (Araújo, 1977). Na Bahia, moradores do povoado de Remanso crêem que banhar as crianças com o sangue de tatus livra-as de terem "caroços" (?) pelo corpo (Falcão, 1999).

Além de serem fontes de recursos terapêuticos para a medicina popular, os tatus também têm servido de modelos para o desenvolvimento e teste de drogas e para a pesquisa biomédica. O estudo da lepra, por exemplo, foi facilitado pela indução experimental da doença na espécie *D. novemcinctus* (Oldfield, 1984).

Os tatus também são importantes como recursos tróficos. Piso (1957), nos idos de 1600, já afirmou que os tatus "são gratíssimos ao paladar e se servem como mui delicadas iguarias". Em trabalho realizado sobre a importância cinegética de mamíferos no estado de Alagoas, Silva (1993) observou que 100% dos caçadores entrevistados citaram o tatu como um dos animais de carne mais

saborosa e, portanto, um dos mais caçados. Schmitt *et al.* (1998) registraram que *Cabassous unicinctus*, *Dasypus hybridus*, *D. novemcinctus* e *E. sexcinctus* são caçados não apenas como alimento, mas porque provocam distúrbios ao solo prejudicando a agricultura e a agropecuária na região conhecida como Campos Gerais do Paraná, sul do Brasil. Dentre os usos culturais, os autores registraram: o casco, como recipiente; as patas, como objetos decorativos; e o rabo, que se transforma em acendedor de cigarro. No estado mexicano de Michoacán, tatus e tamanduás costumam ser taxidermizados e postos à venda como artigos de artesanato (Sánchez e Romero, 1994).

Não obstante a conexão trófica, tabus alimentares existem por razões míticas, sociais ou preventivas. Os índios Suruí da Reserva Indígena Aripuanã, em Rondônia, não consomem o taturabo-de-couro, pois segundo a mitologia do grupo, foi esta espécie de tatu que cavou os leitos dos rios para que as águas pudessem correr. O tatu-canastra raramente é comido e o peba só é consumido pelos adultos e toda carne animal é proibida às mulheres que se encontram reclusas temporariamente (Coimbra Júnior, 1985). Os índios Pankararé dizem que o tatu (*D. novemcinctus*) é "caça civilizada" por não ser carregado⁶. Ao contrário, o tatu-bola (*E. sexcinctus*) é considerado uma caça bastante carregada sendo, por isso, evitada. Segundo esses índios, se "o cara tiver um mal escondido, aí se comer a carne desse tatu, ele bota todinho pra fora. Se sair por dentro não tem cura não. Os índios Kayapó também não consomem a carne desse tatu (Posey e Elisabethsky, 1991).

No que se refere às espécies de tatus, pelo menos duas delas estão citadas no *Livro vermelho de mamíferos ameaçados de extinção* (Fonseca *et al.*, 1994): *Tolypeutes tricinctus* e *Priodontes maximus*. Esses autores dizem que enquanto a primeira é considerada a espécie mais rara de Xenarthra,

⁶ Carregado é a qualidade do alimento que tem reima, ou seja, que pode exacerbar os problemas de saúde dos consumidores.

uma vez que está confinada à região da caatinga do nordeste do Brasil, a segunda encontra-se localmente extinta em muitas regiões. Isso se deve à atividade cinegética, desmatamentos, assentamentos e agricultura extensiva.

Uma vez que a cultura de uma dada sociedade interfere no modo como esta relaciona-se com a natureza (Sachs, 1993), o manejo e a conservação das espécies de xenartros ameaçadas de extinção, bem como de toda a biodiversidade, podem ser melhor obtidos se levados em conta o conhecimento e a consciência ambientais dos povos tradicionais que delas fazem uso. Vários exemplos de exploração dos recursos naturais em um nível sustentável por comunidades tradicionais têm sido documentados em todo o mundo (Johannes, 1978; Nikijuluw, 1994; Posey, 1996, entre outros). Desse modo, programas de conservação das espécies ameaçadas têm maiores chances de serem ecológica e socialmente viáveis se o modo como esses animais são percebidos, identificados e utilizados nos diferentes contextos culturais (dimensão cultural da sustentabilidade) for incluído nos processos de planejamento, implementação e monitoramento dos programas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde há milênios, os povos ameríndios têm interagido com os xenartros em pelo menos quatro

dimensões: cognitiva, ideológica, afetiva e etológica. Desse modo, os cientistas deveriam considerar as interações homem/tamanduás/preguiças/tatus dentro de sua dimensão cultural antes de tomarem decisões etnocêntricas na elaboração e no planejamento de medidas conservacionistas.

A sobrevivência das espécies ameaçadas poderia ser alcançada através da criação de reservas (desde que respeitadas as populações humanas locais) para permitir a sua conservação, bem como a criação em cativeiro para posterior repovoamento nas áreas em que naturalmente ocorrem. Ainda, as atividades culturais desenvolvidas com os xenartros poderiam ser mantidas, desde que dentro de um padrão ecologicamente viável.

A constatação do uso medicinal de tamanduás, preguiças e tatus corrobora a hipótese da universalidade zoterápica (Marques, 1994), permitindo que propostas para o uso sustentável desses animais sejam adotadas. Estas deveriam levar em consideração: a utilização da fauna como recurso medicinal por populações tradicionais e/ou de baixa renda, a integração dos sistemas médicos e etnomédicos e a obtenção de medicamentos novos e/ou alternativos a partir do conhecimento tradicional. Aquelas espécies ameaçadas de extinção, no entanto, devem ter seu uso restringido.

APÊNDICE 1

Classificação dos Xenarthra vivos, segundo Nowak (1991):

Infraordem Pilosa

Superfamília Megalonychoidea

Família Megalonychidae

Gênero *Choloepus*

Espécie *C. didactylus* (Linnaeus, 1758)

C. hoffmanni Peters, 1858

Nome vulgar: preguiça-real

Família Bradypodidae

Gênero *Bradypus*

Espécie *B. torquatus* Desmarest, 1816*

Nome vulgar: preguiça-de-coleira

B. variegatus Schinz, 1825

Nome vulgar: preguiça-comum

B. tridactylus Linnaeus, 1758

Nome vulgar: preguiça-de-bentinho

Infraordem Vermilingua

Superfamília Myrmecophagoidea

Família Myrmecophagidae

Gênero *Myrmecophaga*

Espécie *M. tridactyla* Linnaeus, 1758*

Nome vulgar: tamanduá-bandeira (sin.:

tamanduá-açu, tamanduá-cavalo)

Gênero *Tamandua*

Espécie *T. tetradactyla* (Linnaeus, 1758)

T. mexicana (Sausurre, 1860)

Nome vulgar: tamanduá-de-colete (sin.: melete, mixila, tamanduá-mirim, jaleco)

Gênero *Cyclopes*Espécie *C. didactylus* (Linnaeus, 1758)

Nome vulgar: tamanduá

Infraordem Cingulata

Superfamília Dasypodoidea

Família Dasypodidae

Gênero *Cabassous*Espécie *C. chacoensis* Wetzel, 1980*C. unicinctus* (Linnaeus, 1758)*C. centralis* (Miller, 1899)*C. tatouay* (Desmarest, 1804)Nome vulgar: tatu-rabo-mole (sin.:
tatuxima)Gênero *Chaetophractus*Espécie *C. nationi* (Thomas, 1894)*C. vellerosus* (Gray, 1865)*C. villosus* (Desmarest, 1804)

Nome vulgar: tatu-peludo

Gênero *Chlamyphorus*Espécie *C. (Burmeisteria) retusus* (Burmeister, 1863)*C. truncatus* Harlan, 1825

Nome vulgar: tatu-pigmeu

Gênero *Dasypus*Espécie *D. novemcinctus* Linnaeus, 1758Nome vulgar: tatu-nove-listras (sin.: tatu-
galina, tatu-verdadeiro, tatuê)*D. hybridus* (Desmarest, 1804)*D. septemcinctus* Linnaeus, 1758

Nome vulgar: tatu-sete-listras

D. pilosus (Fitzinger, 1856)*D. kappleri* Krauss, 1862*D. sabanicola* Mondolfi, 1968Gênero *Euphractus*Espécie *E. sexcinctus* (Linnaeus, 1758)

Nome vulgar: tatu-peba, tatu-peludo

Gênero *Priodontes*Espécie *P. maximus* Kerr, 1792*

Nome vulgar: tatu-canastra, tatuçu

Gênero *Tolypeutes*Espécie *T. matacus* (Desmarest, 1804)*T. tricinctus* (Linnaeus, 1758)*

Nome vulgar: tatu-bola, tatuapara

Gênero *Zaedyx*Espécie *Z. pichiy* (Desmarest, 1804)

Nome vulgar: tatu-peludo

* Espécies listadas pelo IBAMA (1989) como ameaçadas de extinção.

APÊNDICE 2

Estórias⁷

1. Sobre a "chuva de preguiça":

"Os dois bichos (o camaleão e a preguiça) brigaram, pedindo então o lagarto sinimbu a seu tupã que fizesse cair uma chuva bem fina, pois só esta consegue molhar o pêlo das preguiças".

2. Sobre a "preguiça" da preguiça:

"Para caracterizar a preguiça, conta-se de uma, que levando um dia inteiro subindo em uma árvore, e que ao chegar no alto, desastadamente caíra, exclamara: *Diabo leve as pressas!*

A uma que estava deitada, descansando, perguntaram:

—Preguiça, queres mingau?

—Quero, respondeu.

—Vai ver a cuia.

—Não quero, não."

3. Sobre o casamento do peba com a cambambá (*Conepatus semistriatus* ?)⁸:

"Aí teve o Peba que falou pra Cambambá. A Cambambá era solteira e o Peba doído pra se casar e se encontraram os dois numa festa. Aí o Peba falou:

—Oh, amiga Cambambá, tá por aqui?"

—'Tô, amigo Peba'.

Ele falou tava a fim de se casar. Não teve coragem de falar em casamento pra ela. Aí deu uma volta, tomou uma cachaça. Aí quando voltou, aí ele falou pra ela:

—'Eu sou Zé do Morim, casco de mungunzá. Tenho alimento no peito, me dá um cheiro Bambá'.

Aí ela respondeu pra ele:

—'Eu sou uma Bambalina, filha de moça solteira, debaixo de minha saia carregó

⁷ Nomura (1996).⁸ Contado por Jutival Pankararé, da Aldeia Brejo do Burgo (coletado em 03 jul. 1995).

um saco de cheiro pra botar no rapaz solteiro'.

Aí largou mesmo no olho do peba. Aí ele saiu se imburando pelo chão porque o bicho fede pra danar, viu?''.

4. Sobre a origem da carapaça⁹:

''Jesus, transformando-se em rapazinho pobre, pôs-se a chorar junto à porta da cova onde vivia um tatu-mulita.

Este, ao sair, viu o garoto tiritando de frio e fingiu não vê-lo, apressando mesmo o trote, temeroso de que lhe viesse implorar algo.

Na volta para a casa, Jesus no disfarce do garoto, deteve-lhe os passos, dizendo:

—Senhor tatu, tenho frio.

—Corra, falou cinicamente o interpelado, que ficarás quente.

—Mas é que a noite vem próxima e com essa chuva

—Faça como eu, cave no solo um abrigo. Habilidade não tenho e forças não possuo para isso, pois, como ainda hoje não comi, estou fraco. Porque não me dá a metade de teu abrigo, como Jesus mandava? Deus te cobriu com um magnífico poncho e te deu unhas para que construísses a tua casa.

—Disso tudo muito grato sou ao Senhor, e por este mesmo motivo, para honrar as graças que me concedeu, não vou rasgar meu poncho para dar metade a um vagabundo como tu. Agora vou à missa. E lá se foi no seu trotezinho. Então Jesus disse:

—Jamais te sairá do corpo o poncho que possuis, ainda que morras de calor. E tanto assim é que, quando o homem assa o tatu para comê-lo não lhe tira o casco.''

REFERÊNCIAS

- Alho CJR.** 1993. Distribuição da fauna num gradiente de recursos em mosaico. *En: Pinto MN (org.). Cerrado: caracterização, ocupação e perspectivas.* Editora da UNB, Brasília, pp. 213-262.
- Araújo AM.** 1977. *Medicina rústica.* Companhia Edit. Nacional, São Paulo.
- Barajas ECL.** 1961. *Los animales usados en la medicina popular mexicana.* Imprensa Universitária, México.
- Branch LC, Silva MF.** 1983. Folk medicine of Alter do Chão, Pará, Brazil. *Acta Amazonica* 13(5-6):737-797.
- Cartelle C.** 2000. Preguiças terrícolas, essas desconhecidas. *Ciência Hoje* 27(161):18-25.
- Cascudo LC.** 1972. *Dicionário do folclore brasileiro.* 3ª. ed. Ediouro, Rio de Janeiro.
- Chiarello AG.** 1999. Segredos de uma espécie ameaçada. *Ciência Hoje* 25(147):16-23.
- Coimbra Júnior CEA.** 1985. Estudos de ecologia humana entre os Suruf do Parque Indígena Aripuanã, Rondônia. Elementos de zoologia. *Bol. Mus. Paraense Emílio Göeldi* 2(1):9-36. Série Antropologia.
- Costa Neto EM.** 1996. Faunistic resources used as medicines by an afro-brazilian community from Chapada Diamantina National Park, State of Bahia, Brazil. *Sittentibus* 15:211-219.
- Costa Neto EM.** 1997. Etnotaxonomia zoológica do grupo indígena Pankararé do Raso da Catarina, Bahia. *En: 11º Encontro de Zoologia do Nordeste. Universidade Federal do Ceará. Resumos,* pp. 84.
- Costa Neto EM.** 1998. *Etnoictologia, desenvolvimento e sustentabilidade no litoral norte baiano.* Um estudo de caso entre pescadores do município de Conde. Dissertação de mestrado. Maceió, Universidade Federal de Alagoas.
- Costa Neto EM.** 1999a. Recursos animais utilizados na medicina tradicional dos Índios Pankararé que habitam no nordeste do estado da Bahia, Brasil. *Actual. Biol.* 21(70):69-79.
- Costa Neto EM.** 1999b. ''Barata é um santo remédio'': introdução à zooterapia popular no estado da Bahia. UEFS, Feira de Santana.
- Costa Neto EM, Oliveira VM.** 2000. Cockroach is good for asthma: zootherapeutic practices in Brazil. *Hum. Ecol. Rev.* No prelo.
- Emmons LH, Feer F.** 1990. *Neotropical rainforest mammals: a field guide.* The University of Chicago Press, Chicago.
- Falcão DF.** 1999. *Estudo da interação Homem/mastofauna na comunidade de Remanso, Lençóis, Bahia.* Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.
- Fernandes Pinto E, Lima RX, Svolenski AC.** 1998. Etnobiologia de populações tradicionais adjacentes ao Parque Nacional do Superagui-Paraná-Brasil. IV. Uso medicinal da fauna. *En: 2º Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia. Universidade Federal de São Carlos. Resumos,* pp. 66.
- Ferreira AB.** 1986. *Novo dicionário da língua portuguesa.* Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
- Figueiredo N.** 1994. Os 'bichos' que curam: os animais e a medicina de 'folk' em Belém do Pará. *Bol. Mus. Paraense Emílio Göeldi* 10(1):75-91. Série Antropologia.
- Fonseca GAB, Rylands AB, Costa CMR, Machado RB, Leite YLR.** 1994. *Livro vermelho dos mamíferos ameaçados de extinção.* Fundação Biodiversitas, Belo Horizonte.
- França M.** 1995. *A preguiça.* Ática, São Paulo.
- Gillmore RM.** 1986. Fauna e etnozologia da América do Sul tropical. *En: Ribeiro D (ed.). Suma etnológica brasileira. Etnobiologia.* Vozes/Finep, Petrópolis, pp. 189-233.
- Gludice C.** 1995. Matinguari: um grito na selva. *Os Caminhos da Terra* 4:56-59.

⁹ Extraído de Santos (1984).

- Jansa S. 1996. *Bradypus torquatus* (maned sloth): narrative. En: http://animaldiversity.ummz.umich.edu/accounts/bradypus/b_torquatus.html.
- Johannes RE. 1978. Traditional marine conservation methods in Oceania and their demise. *Ann Rev Ecol System* 9:349-364.
- Lages Filho J. 1934. *A medicina popular em Alagoas*. Instituto Nina Rodrigues, Salvador.
- Lobato M. 1950. *Idéias de Jeca Tatu*. Brasileira, São Paulo.
- Machado AM. 1993. *Jeca, o tatu*. Salamandra, Rio de Janeiro.
- Marques JGW. 1994. A fauna medicinal dos índios Kuna de Sán Blás (Panamá) e a hipótese da universalidade zooterápica. En: *4ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Universidade Federal do Espírito Santo. Resumos*, pp. 324.
- Marques JGW. 1995. *Pescando pescadores: etnoecologia abrangente no baixo São Francisco alagoano*. NUPAUB/USP, São Paulo.
- Martínez CEC. 1995. *Etnobiología de los Cofanes de Dureno*. Museu Ecuatoriano de Ciencias Naturales, Quito.
- Mota M. 1978. *Os bichos na fala da gente*. 2ª. ed. Tempo Brasiliense, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, Brasília.
- Nikijulow VPH. 1994. Indigenous fisheries resource management in the Maluku Islands. *Indigenous Knowledge and Development Monitor* 2(2):1-7.
- Nomura H. 1996. *Os mamíferos no folclore*. Fundação Vingt-Un Rosado. Coleção Mossoroense, Série "C", Natal.
- Nowak RM. 1991. *Walker's mammals of the world*. V. 1. The Johns Hopkins University Press, Baltimore.
- Oldfield ML. 1984. *The value of conserving genetic resources*. Departamento do Interior, Serviço de Parque Nacional, Washington, DC.
- Oliveira VL. 1996. Reabilitação e manutenção das preguiças-de-coleira (*B. torquatus*: Mammalia, Bradypodidae), em cativeiro. En: *4ª Reunião Especial da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Universidade Estadual de Feira de Santana. Resumos*, pp. 496-497.
- Piso G. 1957. *História natural e médica da Índia Ocidental-1658*. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro.
- Posey DA. 1996. Os povos tradicionais e a conservação da biodiversidade. En: Pavan C (org.). *Uma estratégia latino-americana para a Amazônia*. V. 1. Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, São Paulo, Memorial. Brasília, pp. 149-157.
- Posey DA, Elisabetsky E. 1991. Conceito de animais e seus espíritos em relação a doenças e curas entre os índios Kayapó da Aldeia Gorotire, Pará. *Bol. Mus. Paraense Emílio Góeldi* 7(1):21-36. Série Antropologia.
- Queiroz R. 1967. *O caçador de tatu*. J. Olympio, Rio de Janeiro.
- Redford KH, Eisenberg JF. 1992. *Mammals of the neotropics*. V. 2: The southern cone. Chile, Argentina, Uruguay, Paraguay. The University of Chicago Press, Chicago.
- Ross EB. 1978. Food taboos, diet, and hunting strategy: the adaptation to animals in Amazon cultural ecology. *Curr Anthropol* 19(1):1-36.
- Sachs I. 1993. *Estratégias de transição para o século XXI*. Nobel/FUNDAP, São Paulo.
- Sallut E. 1991. *A casinha do tatu*. Moderna, São Paulo.
- Sánchez HC, Romero MLA. 1994. Importancia etnobiológica y aprovechamiento sostenido de los mamíferos silvestres de Michoacan. En: *1º Congreso Mexicano de Etnobiología. Universidad Nacional Autónoma de México. Resumos*, pp. 14.
- Santos E. 1984. *Entre o gambá e o macaco*. Editora Itatiaia, Belo Horizonte.
- Schmitt J, Jansen Júnior H, Ayres OM. 1998. Aspectos zoológicos dos Dasypodidae (Edentata: Mammalia) na região da Fazenda Capivari (Campos Gerais do Paraná). En: *2º Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia. Universidade Federal de São Carlos. Resumos*, p. 95.
- Setz EZE. 1991. Animals in the Nambiquara diet: methods of collection and processing. *J. Ethnobiol* 11(1):1-22.
- Silva GA. 1993. *Mamíferos de importância cinegética na Várzea da Marituba e na fazenda Boa Vista, Alagoas: espécies caçadas e métodos de caça*. Universidade Federal de Alagoas, Maceió.
- Silva GA, Marques JGW. 1996. Mamíferos ameaçados de extinção utilizados na medicina popular do estado de Alagoas. En: *21º Congresso Brasileiro de Zoologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Resumos*, p. 259.
- Tarrio C. 1995. Preguiça por natureza. *Os Caminhos da Terra* Set. 53-55.
- Von Ihering R. 1939. Ensaio geográfico sobre o vocabulário zoológico popular do Brasil. *Rev Brasil Geogr* 3:73-88.